

ZERO

SEMANAL

No 2 - ANO XIII - FLORIANÓPOLIS, 28 DE SETEMBRO DE 1995 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC



O polêmico futuro da Barra da Lagoa

*O que vai acontecer após a construção do
megaempreendimento da Portobello?*

SC

GOVERNO DO ESTADO
TENTA AUMENTAR A
ARRECADAÇÃO COM
REFORMA ADMINISTRATIVA
E EMPRÉSTIMOS

Pág. 03

fpolis

TENTANDO ACABAR
COM A SUPERLOTAÇÃO,
A PENITENCIÁRIA
RECUSA PRESOS
DE OUTRAS CIDADES

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

central

ufsc

ENTREVISTA DE
RODOLFO PINTO
DA LUZ, CANDIDATO
A ELEIÇÃO PARA A
REITORIA

Pág. 06

Um ZERO por semana

ZERO
ZERO
ZERO

ZERO apresenta a partir deste número mais uma novidade aos seus leitores. O jornalismo independente do jornal laboratório da UFSC vai estar na rua todas as semanas. As edições semanais vão dar mais agilidade ao ZERO, e colocar os alunos do Curso de Jornalismo mais próximos da realidade do mercado profissional. Além de contribuir para a melhoria do ensino de jornalís-

mo, ZERO vai acompanhar mais de perto a comunidade da UFSC e da Grande Florianópolis, que agora vão ter espaço fixo no jornal.

Nesta edição ZERO discute o polêmico Porto da Barra, antigo projeto da Marina da Barra, agora reformulado e transformado em um megaempreendimento turístico. Discussões à parte - o Porto da Barra é um projeto de importância vital para a ci-

dade, seja pelos danos ou benefícios que possa trazer à cidade e merece o máximo de discussão com a comunidade. Ao mesmo tempo que a idéia de um complexo turístico na Barra da Lagoa traz a possibilidade de novos empregos para os moradores, os ambientalistas alertam para as consequências negativas que a obra pode trazer àquela região.

Em outras reportagens feitas neste número, a equipe cons-

tatou que o maior problema das administrações estadual e universitária está na folha de pagamento. Na secretaria da Fazenda, os gastos com pessoal chegam a 90% e, na UFSC, esse número atinge 84%. Problemas com a administração acontecem também dentro do prédio de Florianópolis, onde, na tentativa de acabar com a superlotação, não estão mais sendo aceitos de- tentos de outras cidades.

A influência do berimbau na cultura baiana

O filme tinha dez minutos. A imagem repetia, nove vezes, 50 segundos de cenas do incêndio do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que se fundiam, no final, com um desfile da escola de samba de Mangueira. A trilha sonora era a Declaração dos Direitos Humanos, lida por uma atriz em som ambiente de cerimônia pública, com a bateria da escola em BG, subindo, no final, para sustentar o desfile.

Era muito chato. Mas o problema não estava nisso, nem na câmara tremendo mais do que as câmaras; residia principalmente na mixagem, tão mal feita que, no altofalante de um televisor doméstico, aquilo soava como liquidificador moendo gelo, com a cozinheira, ao longe, sussurrando uma novena a Santa Rita de Cássia.

Numa sala da Fundação Brasileira de Televisão Educativa, diretores da TVE e da Embrafilme reuniam-se, naquela tarde de 1980 (ou 79), para aferir os efeitos políticos da não-exibição da obra, no programa destinado a veicular curtas-metragens financiados pela empresa. Primeiro, o engenheiro rodou o têpe do filme no gravador. Depois, começaram as discussões.

O Diretor da Embrafilme achava que tinha que ir ao ar de qualquer jeito; não queria ver a empresa acusada de censura. "Mas não se entende", observou o superintendente da emissora. "Nem um pouquinho", lamentou o técnico de som. E o diretor da Embrafilme: "Sei que não presta, mas faço um apelo. Afinal, não podemos ques-

tionar qualidade nem conteúdos dos produtos artísticos que os cineastas realizam com nossos recursos".

Foi aí que o Presidente da FBTVE (era essa a sigla, na época), o filósofo Emmanuel Carneiro Leão, interrompendo as anotações que fazia em grego como era de seu costume, concluiu: "Quer dizer, doutor Kalil, que os senhores financiam qualquer merda?"

Passaram-se 15 (ou 16) anos.

A Embrafilme foi pro brejo, o General Figueiredo mora em Teresópolis e o sociólogo Bettinho - quem diria? - apresenta diariamente na mesma TVE sua novela de

science fiction, "A esmola como solução para as crises estruturais da economia". No entanto, a observação de Carneiro Leão continua atual.

Naturalmente, não cabe à burocracia das instituições financeiras dizer o que uma pessoa deve pesquisar, ou fixar normas de qualidade para trabalhos acadêmicos. Mas cabe dificultar a concessão de bolsas para fazer no exterior longas pós-graduações sabidamente não melhores do que as oferecidas aqui. Ou, ainda, obrigar o indivíduo que começa um curso desses a indenizar o Estado (é dinheiro público) quando não o termina. Os

órgãos superiores das universidades costumam agir nesses casos de forma tal que deveriam mudar de nome: seriam o Benemérito Conselho Departamental, a Comissão Permanente do Perdão ao Pessoal Docente, o Generosíssimo Conselho Universitário etc.

A responsabilidade maior, no caso, cabe à instituição acadêmica, abstração que se materializa, no topo, em órgãos como a SBPC ou

"Cabe dificultar a concessão de bolsas para fazer no exterior pós-graduações não melhores do que aqui"

o Conselho de Reitores e, na base, nos colegiados e comissões examinadoras. Não se trata de impedir nada - to-

do caminho é bom caminho - , mas de estimular algumas vias preferenciais e de exigir padrões elevados na investigação. É preciso resistir aos peritos contadores que elegeram como inimigo único a evasão escolar, sem se preocupar o mínimo com o valor agregado do produto das escolas. Esse contabilismo de plano quinquenal soviético já liquidou com o primário, escrachou o segundo grau e contaminou todo o País com a praga das universidades-picaretas.

Salve-se, pelo menos, a pós-graduação. Em muitos campos do conhecimento, podemos apenas acompanhar avanços que se real-

izam em países centrais; isso é importante, porque consumir caixas-pretas obsoletas - vendidas ou dadas de presente - nos levará do terceiro ao último dos mundos possíveis. Em outros casos, porém, é possível ir além do que os mais ricos andam fazendo; ou avançar por caminhos diferentes dos deles.

Em todo caso, como diz o Professor Cardoso sem que se possa jurar que ele acredita nisso, é preciso pensar no interesse do país. Por exemplo, se dispomos de florestas, devemos aprender a aproveitá-las, em lugar de extingui-las, como os ricos fizeram com as que tinham. Se temos, nos colegiados, ampla miscigenação, não é adequado importar teorias do apartheid, que não deram certo em lugar nenhum.

O título deste artigo reproduz o de uma tese ou dissertação que, dizem, foi aprovada com excelência em universidade pública. Pode ser até excelente, mas o nome sugere paráfrases engraçadas como "A influência do penico no controle da síndrome da incontinência urinária noturna". Deve-se ter em vista que esse berimbau custou pelo menos R\$22.500, que é quanto dá uma bolsa mínima mensal de mestrado da Capes (R\$750), multiplicada por 30 meses. Dá para montar três laboratórios de redação; paga o peso do berimbau, literalmente, em ouro. Já se vê que tem que ser um berimbau realmente muito bom.

Nílson Lage

Professor titular do curso de jornalismo da UFSC

→ expediente

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Arte: Romeu Martins, Sérgio Severino
Edição: Alessandro Bonassoli, Aline Cabral, Carlito Costa, Clayton Wosgrau, Gladinston Silvestrini, Marcelo Santos, Paulo Henrique de Sousa, René Müller, Yan Boechat

Editoração: Clayton Wosgrau, Gladinston Silvestrini, Pablo Claudino, Sérgio Severino

Textos: Diógenes Botelho, Flávia Rodrigues, Luciane Lemos, Marcelo Santos, Maurício Oliveira, Patrícia Moser, René Muller, Sandra Vieira, Yan Boechat, Paulo Henrique de Sousa
Fotografia: Paulo de Tarso, René Muller, Barbara Pettres, Alessandro Bonassoli, Aline Cabral
Laboratório Fotográfico: Paulo de Tarso

Montagem: Gladinston Silvestrini

Supervisão: Carlos Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC -

CCE), Campus Universitário, Trindade, Florianópolis-SC - CEP 38040-900

Telefones: (048) 231-9490 e 231-9215

Fax: (048) 234-4069

Fotolitos e impressão: Diário Catarinense

Tiragem: 5 mil exemplares

Distribuição Gratuita

Circulação Dirigida

Abuso de poder em Araranguá

Verador é afastado após denunciar corrupção na prefeitura

Naquela noite, a polícia fechou a rua em frente a Câmara Municipal de Araranguá. Cerca de 10 policiais impediam que a maioria das pessoas assistisse à sessão. Lá, os vereadores votavam um pedido de afastamento do vereador Joel Borges (PPB). O documento, assinado por pessoas estranhas ao Legislativo municipal, alegava que ele faltou com o decoro parlamentar ao chamar os vereadores de "vendidos" e incitou à greve os funcionários da prefeitura - há dois meses sem receber salário. Nenhum vereador assinou o pedido, mas a maioria o aprovou, no último dia 28 de setembro. Joel Borges vai ficar afastado do cargo por 90 dias.

Joel Borges foi afastado do cargo por denunciar corrupção na administração municipal do prefeito Neri Garcia (PMDB). Ele queria que a Câmara aprovasse um pedido de auditoria nas contas da prefeitura, a ser feita pelo Tribunal de Contas do Estado. A proposta já havia sido feita pelo próprio chefe de gabinete do prefeito Osmar Nunes, na Rádio Araranguá. Mas acabou soando como fachada, já que os vereadores do PMDB, do PFL e do PSDB - que apoiam o prefeito - votaram contra.

"Visitas"-O vereador denunciou uma jogada do presidente da Câmara, Airton de Oliveira (PMDB) - o Barão -, para impedir a análise das contas da prefeitura pelo TCE. O pedido de auditoria, assinado pelos vereadores Ézio Camilo Rocha e Ernani Palma Ribeiro Fº, deu entrada na Câmara na terça-feira, 19 de setembro. Mas só foi votado na quinta-feira seguinte.

Joel Borges sustenta que essa foi uma manobra que não teve outro objetivo senão dar tempo ao prefeito para "fazer visitas" aos vereadores - leia-se suborno. E chamou-os de vendidos. Na quinta-feira, Airton Oliveira não atendeu à solicitação de Ézio Rocha de retirada do requerimento de auditoria, já que um dos autores, Ernani Ribeiro Fº, não participava da sessão. Ele fora a Florianópolis ver o pai, o desembargador Ernani Palma Ribeiro, que estava hospitalizado. O requerimento foi rejeitado.

O vereador Joel Borges não se conformou com o resultado. Foi à rádio denunciar que os vereadores "eram vendidos". Contou que, sepultada a auditoria, vereadores e representantes do governo municipal foram comemorar com um jantar.

Revanchismo-Foi o que bastou para que o PMDB ar-

quietasse a revanche. Na sessão do dia 26, aportou na Câmara um pedido de afastamento do vereador Joel Borges, assinado pelo vice-prefeito, Davi da Silva Vaz (PFL), Anselmo Pizzolo, Olindo Fontanella, Manoel Serafim Matos e Norberto Roque, do PMDB, e José Carlos de Souza, do PDT. Nenhum vereador assinou o documento. O presidente da Câmara não perdeu tempo. Colocou em votação na mesma sessão a admissibilidade da proposta, que foi aprovada. O afastamento, ficara para a sessão seguinte.

O afastamento de vereador foi, então, aprovado no dia 28. Apenas dois vereadores, além do próprio, votaram contra: Ézio Rocha e Ernani Palma Fº. O líder do PPB na Câmara, Enor Krieger, votou pela punição ao colega de partido. Ele está entre os que Joel Borges classificou de vendidos. Joel Borges vai pedir a expulsão de Enor

Krieger do PPB. "Nas votações que interessam ao governo ele nunca aparece", lembra Borges. Krieger faltou à sessão em que foi votado o pedido de auditoria na prefeitura.

A condenação pelos colegas não parece ter abalado a convicção de Joel Borges de que há irregularidades na administração do PMDB. Ele deixou a Câmara garantindo que há irregularidades, por exemplo, na cobrança de IPTU. E vai tentar fazer com que a comissão instalada para tratar do seu afastamento investigue as suas denúncias. A comissão é formada pelos vereadores Sávio Costa (PDT), presidente, Jean Carlos de Souza (PFL), relator, e Paulo Pedroso Vítor (PMDB). "Vou fazer esta comissão trabalhar", prometeu Joel Borges.

Paulo Henrique de Sousa

Professores vão receber por dias parados

Paulo Afonso é um sujeito divertido entre amigos e assessores, mas sua personalidade se transforma cada vez que entra no seu gabinete, no Palácio do Governo. O governador tem mostrado que negociar não é uma tarefa que lhe dê gosto. A última tentativa de se mostrar um estadista aconteceu na semana passada, quando resolveu cumprir a lei que compensava os dias cortados dos professores durante a greve que aconteceu em junho deste ano. Dois meses se passaram entre o acordo de reposição e o pagamento dos contracheques.

A disputa entre o governo do estado e o Sindicato dos Professores de Santa Catarina (Sin-

te) começou durante a greve da categoria. Como as negociações estavam difíceis, nenhuma das partes cedia. Os alunos já estavam há 17 dias sem aulas quando o governo cortou o ponto dos grevistas. As reclamações aumentaram e a Assembleia Legislativa fez um projeto de lei que obrigava o estado a pagar o salário integral. O projeto foi aprovado mas recebeu um veto do governador - ele só entregaria o dinheiro depois que as aulas fossem repostas. No texto original, o pagamento viria depois do sétimo dia repostos.

O veto voltou para a Assembleia Legislativa para ser analisado. Na votação em plenário, foi derrubado, confirmando a lei

anterior. Mesmo assim, o governo se recusou a pagar, alegando inconstitucionalidade. Com a pressão dos deputados de oposição na Assembleia Legislativa, o governo decidiu fazer um estudo para saber quantos professores teriam que receber o reajuste. Quinze dias depois, o governo daria o seu parecer. Mas a Secretaria da Educação adiantava que em setembro seria impossível pagar, já que a folha de pagamento já estava rodada.

A partir daí, o sindicato resolveu medir forças com o governador. Deixou um mandado de segurança pronto para entrar no Tribunal de Justiça. A oposição, na Assembleia, pen-

sou em formar uma Comissão Especial para pedir intervenção federal no estado. O PSDB, que participa do bloco de apoio ao governo, queria retirar de vez a parceria política. Na quinta-feira passada, a assessoria de Paulo Afonso fez uma nota, comunicando que o pagamento dos professores será feito no próximo dia 11, numa folha extra de pagamento. A presidente do Sinte, Célia Kleine, considerou o fato "uma vitória", e disse que espera seu contracheque junto com os outros 12 mil professores estaduais, que perderam metade do salário na greve.

Flávia Rodrigues



ZERO
OUT
95

Drags chegam a Sex shop faz sucesso em Florianópolis

Santa Catarina

Glamourosos, exóticos e exagerados. Assim são os *drag queens*, homens vestidos de mulher que animam festas no mundo inteiro com suas performances ou simplesmente com sua presença. Um fenômeno que chegou a Santa Catarina em 1993 com os *drags* Ciro, Wilmar e Cia. O show mais recente deles aconteceu mês passado na Boate Inocence, em Florianópolis, e teve os figurinos e coreografias baseadas no filme *Priscila, a rainha do deserto*, que conta a trajetória de três *drags* no deserto australiano.

Extravagância - Embora usem roupas e adereços femininos os *drag queens* não são travestis, mas artistas. Os travestis se comportam como mulheres 24h por dia, os *drags* só durante a festa. Não usam silicone, não fazem aplicação nos cabelos e nem tomam hormônios, sendo sempre identificados por sua extravagância. "Ao invés de usar um brinquinho ele usa um arranjo, ao invés de usar um arranjo ele usa um arranjo", diz Wilmar, minutos antes de subir ao palco da Inocence.

Centros como Londres e Nova York foram os palcos para as primeiras manifestações *drags* no início da década de 80. No Brasil essa moda chegou em 1990 em festas no Rio de Janeiro e São Paulo. Três anos depois Santa Catarina assistiu à primeira apresentação de Ciro, Wilmar e Cia numa festa em Temas do Gravatal. "Foi um su-

cesso" diz Wilmar. "Depois de Gravatal sempre somos convidados para animar festas", completa.

Esses artistas sempre chamam público. Nos Estados Unidos os donos de boates têm usado esse recurso para atrair as pessoas. "Onde há *drag queens* enche de gente, todos têm curiosidade e gostam do que vêem" diz Ciro.

Retorno garantido - As *drags* catarinenses Ciro, Wilmar e Cia normalmente não cobram cachê pelos shows, embora os figurinos sejam sempre financiados pelos promotores e donos de boates. "Nós usamos tudo a mais que o normal. Cada um de nós usa, por exemplo, no mínimo seis meias finas para conseguir esconder os pêlos das pernas", revela Wilmar. "Temos que ficar impecáveis", completa Ciro. Na última apresentação, o dono da Inocence, Paulo Paes, gastou R\$ 1 500,00 com as roupas e acessórios das *drags*. "Vale a pena financiar esse tipo de show, pois a recompensa é a animação do público que está assistindo", diz Paes.

É justamente essa animação o motivo que não deixa as *drags* pararem. "Muitas vezes temos que usar roupas que machucam e fazem sangrar, mas tudo vale a pena," diz Wilmar. "O que eu faço me dá prazer e ao mesmo tempo deixa outras pessoas alegres", completa o *drag*, encaminhado-se para o palco.

Sandra Vieira



A loja oferece desde vídeos eróticos até chicotes e vibradores

Comércio de produtos eróticos chega a render R\$ 7 mil mensais

Mejor de 18 anos não entra. O aviso dá idéia do que pode ser encontrado dentro da loja. Bolinhas tailandesas, borboletas vibratórias, bonecas infláveis, cuecas e chicotes de couro, pomadas eróticas e vibradores de todas as formas, tipos, materiais e tamanhos - os campeões de venda. Produtos que fazem a festa de homens e mulheres que procuram a

única loja de produtos eróticos da ilha.

Funcionando há pouco mais de um ano, a Personal Sex Shop atende a cerca de 30 fregueses diariamente, a maioria curiosos. Geralmente são homens entre 40 e 50 anos procurando realizar de alguma forma suas fantasias. "As mulheres são mais çaretas," diz a vendedora da loja, Ângela. Loira, curvilínea, 1,80 m de altura, ela

conta que o difícil não é ficar nove horas trabalhando sozinha na loja. Constrangedor é ouvir propostas indecentes de alguns clientes que a confundem com uma garota de programa e chegam a sugerir um test-drive dos produtos.

Gotinhas Eróticas - O *sex shop* satisfaz fantasias e resolve problemas sexuais de vários fregueses. "As gotinhas eróticas vão salvar meu casamento", diz a doméstica M.J.E, 43 anos, certa de que o afrodisíaco vai ser a cura da sua frigidez. Alguns pedidos, porém, são impossíveis de ser realizados. Um cliente necessitava urgentemente de um "Bráulio" de 15cm de diâmetro (aproximadamente o mesmo de uma lata de leite em pó), mas teve que se contentar com um de "apenas" oito centímetros.

A loja tem um faturamento mensal de R\$ 7 mil. O valor aumenta bastante no carnaval e no Natal. "Muitas pessoas presenteiam os amantes com vibradores ou pomadas eróticas sabor morango",

afirma o analista de sistemas S.S.K. Ele disse que levou algum tempo para ir ao sex shop. Sentia um certo preconceito por parte das pessoas. Para M.J.E. o sex shop é uma loja como outra qualquer. "Quem considera esse lugar um pecado é o meu pai, mas como sempre fui liberal, nem ligo".

É raro encontrar alguém como M.J.E. Geralmente as pessoas se deixam levar pelo estigma de pervertidos e têm vergonha de admitir que vão à loja. Para a psicóloga Vânia Maria Machado, o uso de objetos eróticos não é uma questão de perversão, desde que faça parte das preliminares de uma relação sexual. Porém são considerados patológicos os casos em que utensílios estimuladores servem exclusivamente para o auto-prazer.

Apesar do preconceito que cerca a loja, o *sex shop* é uma oportunidade aos corajosos de assumirem seu lado nada puritano. "Estamos prontos para realizar todas as fantasias", diz a vendedora.

Michele de Oliveira Eduardo Burckhardt

preço da luxúria

Boneca inflável	R\$ 100,00 a R\$ 250,00
Kit sadomasoquista (par de algemas, tornozzeiras, cinta de couro e chicote)	R\$ 60,00
Bráulio simples	R\$ 20,00 a R\$ 90,00
Bráulio vibratório	R\$ 20,00 a R\$ 300,00
Bráulia	R\$35,00
Bolinhas tailandesas	R\$10,00
Afrodisíacos e pomadas para retardar a ejaculação	R\$ 10,00 a R\$ 30,00

Os Bráulios podem ser encontrados nas versões silicone, vinil e látex. As Bráulias estão disponíveis nos modelos ruivo e moreno; as bolinhas tailandesas servem para brincar de tampa buraco, caçapa ou o que sua imaginação permitir.

Entidades estudam leis para exploração da costa

Traçar um perfil do litoral brasileiro. É o que prevê o Projeto de Gerenciamento Costeiro, que vai identificar até 1997 as características ambientais, geográficas e sócio-econômicas da região costeira. A idéia é que o Projeto se transforme numa lei que vai definir regras para a exploração da costa brasileira, incentivando o desenvolvimento sustentado. Na semana passada, representantes de 35 entidades catarinenses que compõem o Colegiado Estadual do projeto estiveram reunidos em Florianópolis para discutir as próximas etapas do trabalho, que começou no início do ano.

O Colegiado é formado por diversos segmentos da sociedade, todos ligados de alguma forma à região litorânea. Entre estas entidades estão secretarias de estado, Federação de Pescadores, Petrobrás, universidades, associações comerciais e industriais e ligadas à atividade turística. No próximo dia 16 as equipes começam o trabalho de campo, levantando dados através de pesquisas e questionários feitos à população que mora ou trabalha

no litoral. Até o fim do mês o Colegiado deve reunir-se novamente para discutir os problemas encontrados.

Através de pesquisa de campo e fotos por satélite, estão sendo mapeados em Santa Catarina uma área de 9 mil km², distribuídos por 34 municípios. Técnicos das áreas de geografia e geoprocessamento estão levantando dados sobre relevo, tipos de solo, localização de dunas, mangues e outros sistemas da região sul e central do litoral catarinense.

Degradação ambiental - Em outubro começa o trabalho de campo na região norte do estado. É a chamada fase de levantamento da dinâmica sócio-econômica, onde os técnicos vão identificar as principais atividades econômicas desenvolvidas na região, os agentes envolvidos e os danos causados ao ecossistema. Através dos dados, o Colegiado vai definir a melhor forma de conciliar a preservação da natureza com o progresso da região. Serão gastos R\$ 600 mil em todo o levantamento, incluindo as pes-

quisas de campo e as fotos por satélite.

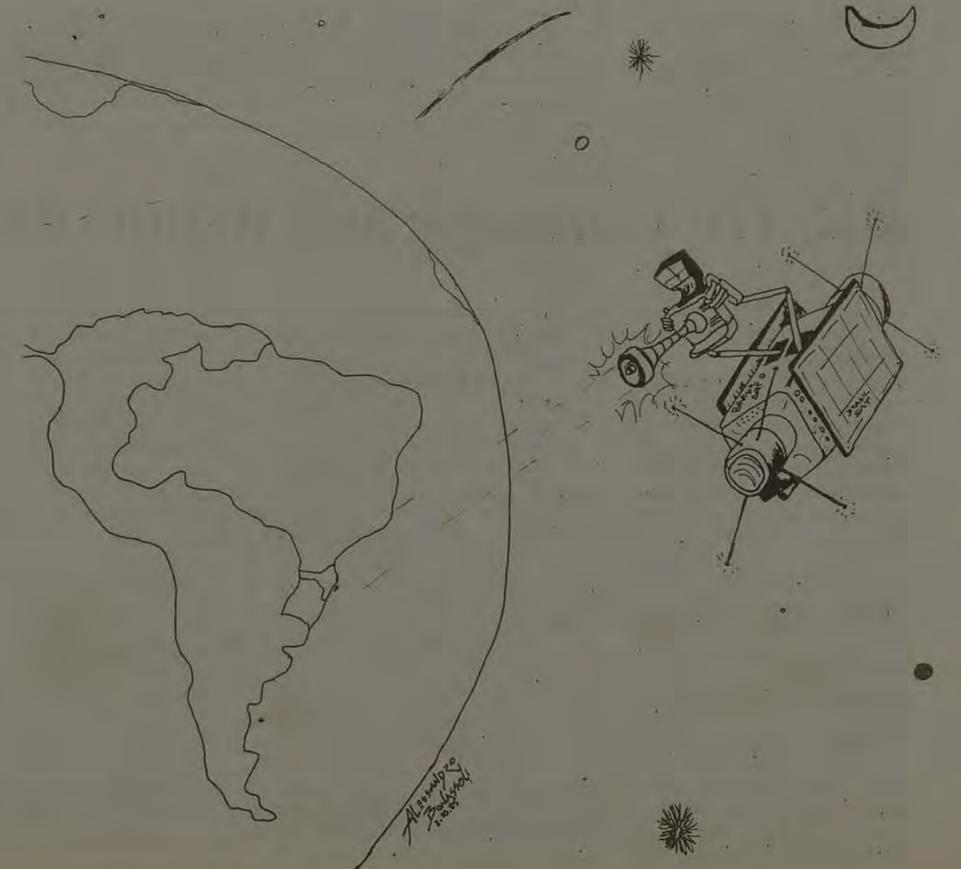
Um dos coordenadores do Colegiado, o Diretor de Estatística e Geoprocessamento da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Científico e Tecnológico, Ivo Sostisso, diz que algumas áreas mapeadas apresentam degradação ambiental. "Trata-se de um sistema natural muito frágil e visado para a exploração comercial". Essas áreas são Baía da Babitonga, parte da Grande Florianópolis e áreas lagunares do sul do estado, todas com problemas de poluição da água. Sostisso explica que o objetivo é avaliar como a atividade econômica pode contribuir para o desenvolvimento, sem prejudicar a natureza.

Assim como em Santa Catarina, 17 outros estados estão envolvidos com levantamentos de dados sobre o litoral brasileiro. O Governo Federal quer que cada um seja responsável pelo desenvolvimento sustentado na região que faz

Patrícia Moser



Ciro e Wilmar fazem shows pelo estado e espalham extravagância



Nome da capital é julgado

Homenagem a ditador e massacre de Anhatomirim são discutidos em julgamento simulado na UFSC

fpolis
Política
desterro

Um julgamento simulado, que põe em debate o nome Florianópolis, foi realizado no dia cinco de outubro no auditório da reitoria da UFSC. O evento organizado pelo Centro Acadêmico de história vai discutir se o nome da capital catarinense é uma homenagem ou uma humilhação a ela.

Há cem anos a capital de Santa Catarina deixou de se chamar Nossa Senhora do Desterro para se chamar Florianópolis, uma homenagem ao então presidente Floriano Peixoto. A decisão tomada pela Assembleia Legislativa aconteceu logo após o massacre de Anhatomirim, um episódio sangrento na história do estado onde foram fuzilados em 1894, a mando do presidente, 185 pessoas - 1% da população na época, o equivalente a 3000 pessoas hoje.

A idéia desse julgamento surgiu entre os estudantes de história há cinco meses enquanto escolhiam um tema para uma revisão histórica. "Para nós isso é uma obrigação e para a população é um esclarecimento necessário" diz o estudante e articulador do julgamento, Nelson Rolin de Moura.

A questão de Florianópolis ser uma homenagem ou uma humilhação ainda não havia sido

discutida oficialmente, apesar de eventualmente surgirem rumores sobre uma possível troca do nome da capital. "A nossa intenção não é mudar o nome da cidade, mas simplesmente esclarecer à maioria das pessoas que não conhecem a origem do nome Florianópolis", diz Rolin, ressaltando que esse tema nunca foi discutido por atingir famílias ilustres que se beneficiaram com a situação política da época. "Necessariamente será feita a revisão política junto com a revisão histórica, e isso põe muita gente na mira", completa.

A programação do evento foi dividida em duas partes. Pela manhã foram ministradas palestras e debates para uma contextualização e esclarecimento dos acontecimentos do final do século XIX - período na qual Floriano Peixoto foi presidente da República. No período da tarde o julgamento, que teve um júri simulado - composto por onze pessoas escolhidas na hora - e foi presidido pelo professor Carlos Alberto Silveira Lenzi, presidente do Instituto dos Advogados de Santa Catarina e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado. O julgamento contou ainda com a participação dos advogados Antônio de Freitas - defendendo a tese da humilha-



Barbara Petres

Rolin de Moura quer esclarecer as pessoas sobre a história

ção - e Leoberto Caon - defendendo a tese da homenagem.

O evento terminou no final da tarde com o resultado do veredito: Florianópolis, homenagem ou humilhação? "Independente do que foi decidido, o importante foi a busca de nossa identidade através da compreen-

são do nosso passado" disse Nelson. "Apesar de ainda ser pouco é um começo, pois a partir de agora as discussões sobre esse tema não vão mais parar" concluiu.

Sandra Vieira

BR-470 é inaugurada depois de 19 anos

Na última segunda-feira foi enfim inaugurada a obra que toda a economia do Vale do Itajaí esperou por quase duas décadas, contando os dias no calendário: a BR-470. Não bastasse a importância da rodovia, a presença do presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, a primeira no estado desde sua posse, deu o requinte final à solenidade, que transformou a pequena cidade de Ilhota, pelo menos por duas horas, no centro político do país.

Mesmo num dia de trabalho (aproveitando a passagem do presidente por Curitiba) e com ameaça de chuva, um belo público compareceu ao Baú Baixo, local da cerimônia. O que o presidente afirmou sobre o seu governo e Santa Catarina foi pouco, mas significativo; pretende dar atenção especial ao estado e terminar a BR-101, de qualquer for-

ma, até o final do seu mandato.

Fernando Henrique acabou inaugurando uma obra que na teoria devia ser inaugurada pelo ex-presidente Ernesto Geisel. Foi Geisel que decretou a construção do trecho já em 1976, dando um prazo de dois anos para o término. Os 25 quilômetros do projeto demoraram vinte anos para serem concluídos, devido a problemas diversos, que exigiram proezas econômicas e matemáticas. O terreno por onde se estende a rodovia era basicamente um banhado, com alta umidade e um solo pouco resistente. O projeto previa também a construção de três grandes pontes. Tudo isso era caro, incompatível com a demora de liberação dos recursos.

Longa espera - A Blumenau-Navegantes ficou paralisada por dezesseis anos, até que

o governador Vilson Kleinubing resolveu retomar a obra, que foi repassada ao estado no mandato de Cassildo Maldaner. A obra acabou ficando suspensa no período em que Kleinubing se afastou do palácio da Agrônômica para concorrer ao senado. O governador Paulo Afonso Vieira repôs os operários em serviço, que num ritmo forte terminaram os 17,7 quilômetros restantes. Dos R\$ 48,5 milhões gastos, R\$ 42 milhões foram pagos pelo Departamento de Estradas e Rodagem (DER) de Santa Catarina. O próprio Fernando Henrique Cardoso tratou de ressaltar a continuidade que governos oposicionistas deram à rodovia. "Essa continuidade deve servir de exemplo para todos os estados e partidos", ressaltou FHC em seu discurso.

ram sem dúvida os interesses econômicos que uniram o PFL e o PMDB no palanque, durante a solenidade da última segunda. A BR-470 liga o oeste do estado e o Vale do Itajaí - regiões que juntas concentram 35% das indústrias e 28% da produção agrícola do estado - com o litoral, mais especificamente com o aeroporto de Navegantes e o porto de Itajaí. Também é uma via de entrada à BR-101, um calo no escoamento econômico do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que Fernando Henrique já detectou e destacou segunda-feira em Ilhota. O Ministro do Transportes, Odacir Klein, anunciou na ocasião a audiência pública para a duplicação da BR-101, que acontecerá no próximo dia 17 em Florianópolis.

Renê Müller

Só estado ganha mais que a UFSC

Orçamento da universidade chega a ser quase três vezes maior que o de Florianópolis

Por mais tarimba política e necessidade de recursos que possam ter os prefeitos das principais cidades do Estado, dificilmente um deles veria passar tanto dinheiro por sua administração quanto entra na de um reitor da UFSC. Em 95, o orçamento da universidade foi de R\$ 168,328.466 - quase três vezes maior que o de Florianópolis. É o segundo maior de Santa Catarina, superado apenas pelo do governo do Estado. Isto mostra o quanto estará em jogo nas próximas eleições para reitor em novembro.

Vale lembrar que 84% do valor do orçamento da universidade é gasto com pessoal, segundo a Coordenadora de Orçamento da Instituição, Vânia Dekker. Pelo menos 780 dos cargos que se servem dessa folha são nomeados pelo reitor. É certo que os escolhidos pessoalmente não são mais de oito. Ele seleciona diretamente seu chefe de gabinete, pró-reitores e assessores especiais, entre outros postos. Mas são os pró-reitores que aprovam os nomes dos outros funcionários, para posterior nomeação pelo



Vânia e a folha de pagamento: 84% do orçamento da UFSC

mandatário. São 711 funções gratificadas e 62 cargos de direção.

Exatamente por causa da alta folha de pagamentos, Vânia assegura que os valores, embora pareçam uma bolada, estão muito abaixo do ideal. Somente cerca de R\$ 9 milhões foram gerados pela própria universidade. A maior parte, ou quase R\$ 115 milhões, significam levar o chapéu a Brasília, onde está o dinheiro do Tesouro Nacional que tapa

a cratera. Outros 5% vêm de instituições como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Ensino Superior (Capes), o Fundo Nacional Para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Vindo de onde vier o dinheiro, a administração dessa verba também não está centralizada na figura do reitor, mas além

de colaborar na decisão, ele é o último a dizer para onde o dinheiro vai. Isso, aliás, não é fácil. Diferente de setores como a distribuição de bolsas e a monitoria, algo tão essencial para justificar a simples existência de uma universidade como a pesquisa não conta com recursos pré-determinados. Em geral, o dinheiro destinado a outras áreas acaba sendo utilizado para a realização desse trabalho.

Perfil - Isso tudo reforça a importância de saber escolher quem irá ocupar o cargo. Para o atual mandatário, Antônio Diomário de Queiroz, a pessoa ideal para o posto deve ter prazer em enfrentar obstáculos. Nesse caso, ele próprio tem tido muitas oportunidades para sentir esse sabor. Diante das críticas que apontam a universidade pública como uma instituição que recebe oceanos de dinheiro para produzir gotas de conhecimento, reage: "Divulga-se que no ano passado o governo repassou R\$ 9 bilhões para as universidades, mas elas só receberam R\$ 4 bilhões. Onde estão os outros cinco?"

Diomário é contra o modelo de reforma constitucional do governo, que pretende a privatização das universidades estatais. Ele teme que o próximo reitor possa ser alguém de um partido como o PFL, que apóia o projeto de reforma desestatizante do governo.

Alexandre Winck

Seguranças com a cara limpa

Normas impedem que vigias da UFSC deixem a barba crescer

Nunca uma barba causou tanta polêmica na universidade como a do vigia noturno da UFSC Boaventura Charles Leão de Moura. Um profissional exemplar, segundo seus colegas, mas que pelo simples fato de deixar sua barba crescer pode perder o emprego.

Desde o último dia 13, o segurança, que também cursa Geografia na Udesc, levou uma advertência da chefia por aparecer no serviço com seus 25 mil pêlos do rosto - número médio de uma barba - em fase de crescimento. A ordem foi raspá-la. Surgiu então a "grande questão": o vigilante deve ou não tirar a barba? "Eu não sabia que uma coisa tão insignificante causaria tanta polêmica", diz Boaventura. "A minha barba não vai prejudicar minha capacidade profissional", completa. Mas não é o que pensa seu chefe, o coordenador da central de segurança Sálvio José Vieira. "O cara que

usa barba fica dissimulado", diz.

Nas normas internas da central de segurança da UFSC está estabelecido que os vigilantes devem trabalhar de forma impecável, ou seja, cabelo cortado, farda limpa e barba feita. "Mas, segundo o Aurélio (dicionário), barba feita não quer dizer barba raspada", argumenta Boaventura, alisando sua barba aparada. Entretanto Sálvio Vieira, mostra-se intransigente diante das normas. "Daqui a pouco vai ter gente vindo trabalhar de brinquinho se não for imposta uma rigidez", diz.

Após o caso de Boaventura, o coordenador resolveu fazer uma enquete entre os vigilantes sobre o uso ou não de barba. "Ele quer lavar as mãos deixando a decisão com a gente, pois normalmente nas reuniões nós não somos consultados", diz outro segurança que não quis se identificar com medo de futuras complicações. Na Central de Se-

gurança há quatro grupos de vigilantes divididos por turnos. Dois desses grupos já votaram e a maioria foi a favor do rosto barbeado. "Quando não se faz a barba dá impressão que não se toma banho", diz Daniel Silva, um dos vigias, apesar de admitir que seu colega tem uma barba apresentável. Agora, Boaventura está sendo comparado pelos amigos com o ator Vitor Fasano.

Embora tenha levado duas advertências verbais o segurança continua indo trabalhar sem fazer a barba. "No momento que disserem que eu não posso mais trabalhar, vou recorrer às bases legais". O coordenador Sálvio Vieira disse que as advertências estão sendo anotadas e podem complicar futuras promoções. Quanto à possibilidade de suspensão - de acordo com as regras da Central de Segurança, após a terceira advertência o funcionário é dispensado - Sálvio se diz cauteloso. "Essa história já está



Fotos: Bárbara Petres

Vigia não vai cortar a barba

muito divulgada. Uma suspensão vai complicar ainda mais", diz.

Enquanto o impasse não é resolvido, o vigilante continua andando pelo campus com sua barba à mostra. "É inacreditável que beirando o segundo milênio, após a quebra de tantas barreiras de discriminação, uma simples barba possa ocasionar tanta discussão", diz Boaventura indignado.

Sandra Vieira

ufsc

ZERO
SET
95

Cinqüenta anos de luxo na Ilha

Zury Machado comemora bodas de ouro com columnismo social

perfil

ZERO
SET
95

Sentado em seu escritório, no mezanino de uma chiquíssima joalheria no centro de Florianópolis, o columnista social Zury Machado é a própria imagem do luxo e da sofisticação. Ele não é o dono da loja, mas o proprietário, um grande amigo seu, cedeu o espaço para que ele pudesse exercer suas atividades de relações públicas. Com fartos cabelos negros, vestindo um casaco preto e um lenço de seda no pescoço, Zury mal aparenta os 73 anos que tem, exibindo elegância nos gestos e no modo de falar. Este mês ele, que é o columnista mais amado da elite catarinense, comemorou meio século de circulação pelas altas rodas, com uma festa no Clube 12 de Agosto que teve como convidados empresários, socialites, ex-governadores, columnistas brasileiros de destaque, além da ex-garota de Ipanema, Helô Pinheiro. O jornalista Amaury Jr, apresentador do programa "Flash", da TV Bandeirantes, esteve presente e transmitiu a festa de Bodas de Ouro para todo o País.

Mas Zury Machado é um paradoxo. Apesar de viver cercado de luxo, faz questão de dizer que é uma pessoa muito simples. Nascido na cidade de Tijucas, filho de um sapateiro e de uma imigrante italiana, teve uma infância modesta, e nada poderia levar a crer que mais tarde seria uma pessoa tão bem relacionada. Aos 16 anos de idade, mudou-se para Florianópolis, onde concluiu o ginásio. "Eu gostaria de ter continuado os estudos mas naquela época isso era para filho de rico." Seu primeiro emprego foi num escritório de venda de imóveis, e sua capacidade comunicativa fez com ele conhecesse o então governador do

estado, Aderbal Ramos da Silva, que lhe convidou a trabalhar como funcionário público. Começou como estatístico e se aposentou nesta profissão. Mais tarde, foi chamado para exercer o cargo de Chefe de Cerimônia da Assembléia Legislativa, onde ficou por mais de 30 anos.

Durante nte todos esses anos, o columnismo social foi uma atividade paralela. Em 1945, aos 23 anos de idade, começou a escrever, já como columnista, no jornal *A Gazeta*, que não existe mais. O jornal era, com o *O Estado*, o principal de Santa Catarina. Domingos Fernandes de Aquino, diretor de *O Estado* na época, convidou Zury para escrever sua coluna no jornal, de onde não saiu mais. O amigo Aderbal Ramos da Silva que, além de governador, era dono de *O Estado*, mais uma vez apadrinhava Zury Machado em sua trajetória. Através dele e do jornalista Sálvio de Oliveira (que descobriu seu talento para columnista), teve passe livre para entrar nos círculos mais fechados da sociedade catarinense.

Caseiro - Ao contrário do que se possa imaginar, Zury Machado não é um frequentador assíduo de festas e jantares. "Fico muito feliz pelos inúmeros convites mas não dá para aparecer sempre". Desde o início da profissão, nunca foi de "estar em todas" e não gosta de sair todos os dias ou ir à casa das pessoas. Tem isso como um método de trabalho. Geralmente os organizadores da festa telefonam e passam informações, e depois mandam as fotos para serem publicadas na coluna, que também podem ser conseguidas através dos fotógrafos profissionais que trabalharam no evento. Somente em casos muito especiais, como um jantar ou casamento de alguém mais íntimo, costuma comparecer com o fotógrafo a tiracolo.

Durante a entrevista, em seu escritório na joalheria, o telefone toca. Uma funcionária da

loja atende em outro aparelho e diz que alguém da família Koeirich deseja falar com ele. Zury diz que está ocupado e que liga mais tarde. Desculpa-se pela interrupção e continua a conversa. "Nunca fui tachado de fútil. Procuro fazer um jornalismo sadio, uma coluna com informação e sem sofisticação. A exaltação exa-

"A exaltação exagerada da riqueza é que dá a idéia de columnismo ligado à futilidade e isso nunca foi bom"

gerada da riqueza é que dá e s s a idéia de columnismo ligado à futilidade e isso nunca foi bom". Ele acha que até os elogios feitos a alguém têm que ser dosados para a pessoa gostar. Nunca diz que tal senhora estava numa festa cheia de jóias ou que o vestido de fulana era apropriado ou não. Não se lembra de nenhum caso em que alguém tenha pedido abertamente a ele para sair na coluna. "Se isso acontece, é muito sutil, e se a pessoa merecer, darei o devido destaque."

Criador - Na década de 40, Zury Machado criou o Baile Branco do Clube 12 de Agosto, nome que atualmente foi incorporado por todos os bailes de debutantes da Grande Florianópolis. Na mesma época, criou também o concurso Glamour Girl, que fez sucesso durante dez anos consecutivos. Nos anos 60 criou a indicação anual das dez mais elegantes do estado, com repercussão nacional através de duas

grandes revistas da época: *O Cruzeiro* e *Manchete*. Teve ainda colunas publicadas na revista *Vogue*, *Chuvisco* e *Jornal do Rio*. Chegou a trabalhar com o columnista Ibraim Sued na *Rádio Nacional*, do Rio de Janeiro, e mandava daqui as informações que eram veiculadas aos sábados.

Nos anos 70 o columnista viveu um dos momentos mais marcantes de sua vida. O estilista de moda Pierre Cardin veio ao Brasil para lançar sua griffe com um concorrido desfile, e entre ilustríssimos convidados do mundo da moda, da sociedade e da política estava Zury Machado. "Foi um momento inesquecível pois nos tornamos amigos. Nos encontramos depois várias vezes, inclusive em Paris, que visitei por causa dele". Depois da festa, durante a recepção do estilista num hotel de São Paulo, um fato tornou a noite ainda mais especial para Zury: ele havia ganhado de brinde uma caneta com a griffe Pierre Cardin e guardou-a no bolso. Mais tarde, ainda no hall do hotel, Cardin precisou de uma caneta para dar um autógráfo à ex-miss Adalgisa Colombó e Zury lhe emprestou a caneta. "Dificilmente levaria uma caneta no bolso mas naquele dia Deus me iluminou. No momento em que o grande Pierre Cardin precisou de uma, ela estava no meu bolso. Estendi-lhe a caneta e ele deu o autógráfo na echarpe da amiga Adalgisa. Foi um momento inesquecível."

Atualmente Zury mora sozinho num apartamento do centro de Florianópolis. Nunca se casou ou teve filhos e viveu com os pais, Adalgisa e Silvério Machado, até a morte dos dois. Costuma almoçar em restaurantes e passa a maior parte do dia em seu escritório, na joalheria, escrevendo sobre as festas mais badaladas da cidade e trabalhando como relações públicas. Cercado de ouro, prata e pedras preciosas, Zury faz questão de dizer que é um homem simples, que sabe lidar com um mundo de sofisticação e brilho social.

Patrícia Moser

